ENTREVISTA
SAULO QUEIROZ
CONVITE PARA OS LIVROS

Entrevista concedida a Iasmin Mendes[*]

Saulo Queiroz é graduado em Comunicação Social (com habilitação em Jornalismo) pela Universidade Estadual da Paraíba e é mestrando em Jornalismo Profissional pela Universidade Federal da Paraíba. Natural de Campina Grande (1968), é radialista, jornalista, ator e autor teatral. Possui experiência em rádio, TV e jornal, além de ter escrito e encenado espetáculos teatrais de sucesso no estado da Paraíba. Entre os seus êxitos de público na área teatral destacam-se *Machos, Fêmeas, As Malditas, As Coroas, Convite Para a Morte*, *Finados*, dentre outros. Dirigiu o Teatro Municipal de Campina Grande no período de janeiro de 2003 a abril de 2006 e o Centro de Arte e Cultura da Universidade Estadual da Paraíba (de 2009 a 2013). Também é, desde 2006, Diretor de Programação da TV Itararé (afiliada da TV Cultura na Paraíba), onde desempenha um trabalho de criação de conteúdo - através de programas como Diversidade, Dom, Itararé Especial, Seis e Meia na TV, Café, Poesia e Filosofia, entre outros. Nessa entrevista, o autor comenta a sua formação como escritor e suas influencias.

Saulo, nos conte um pouco de sua história? Como foi sua vida escolar e como se deu sua formação intelectual

> Estudei em escola pública a vida inteira, com exceção dos primeiros anos do que antes era chamado ensino primário. Não era um aluno aplicado, achava a maior parte das aulas monótonas, um desafio a paciência. Adorava conversar, brincar, criar e, pode parecer paradoxal, sempre amei aprender. Mas isso a escola proporcionava (e ainda proporciona) de maneira industrial, um mesmo padrão para uma larga escala. A escola esquece que as pessoas pensam e aprendem de maneiras diferentes, a partir de suas características pessoais, cognitivas, culturais e muitas vezes sequer querem uma educação formal. Acho que o entrave que tive para algumas disciplinas decorreu disso: a "força" da pedagogia; entretanto, sou grato de ter tido o que recebi. Alguns excelentes professores, raros mestres e acesso a boa leitura (livros, HQs, cordéis), bom cinema, boa música.

[*] Graduada em Educomunicação pela UFCG, mestranda do PPGLE da UFCG. E-mail: iasminabmendes@gmail.com

Ao me tornar adulto, ingressei na faculdade de jornalismo onde me formei, mas mantive uma carreira paralela no teatro, tanto produzindo quanto estudando, me construindo através de cursos de curta e média duração em eventos como o Festival de Inverno, as Mostras Estaduais de Teatro e Dança e, claro, vendo muitos espetáculos (o que é, no meu entendimento, uma das formas mais eficazes de aprendizado de um ofício, de uma arte – ver os bons atuando). Trabalhando em rádio tive contato com a música nacional e estrangeira, clássica e popular num cotidiano de descobertas que me ampliaram o gosto, bastante eclético, eu diria, por essa arte. Aprecio de Wagner a Bowie, de Jessye Norman a Tina Turner, de Jackson do Pandeiro a Bjork. Descontruí preconceitos fazendo rádio e aprendi que música pode atender a diversas finalidades, das mais sublimes as mais primitivas.

Sou absolutamente apaixonado pelo audiovisual (cinema, TV, clips, curtas, documentários ou ficção) e uma parcela importante da minha formação veio da sétima arte. Devorava tudo a que tinha acesso no cinema ou em casa, via VHS, DVD...enfim. O meu paladar inclui desde o bom cinemão americano (Sunset Boulevard, All about Eve, por exemplo) até obras de cineastas como Felini, Bergman, Woody Allen (a propósito, meu diretor favorito). Vendo cinema aprendi sobre as outras artes, fui em busca de referências que não conhecia e cresci, abri os olhos.

Na literatura, além dos clássicos que a escola nos fazia ler (felizmente, nesse caso) como Machado de Assis, Jorge Amado, etc... sempre gostei de poesia e dramaturgia. Florbela Espanca, antes de todos, Vinícius, Manoel Bandeira, Ferreira Gullar, Fernando Pessoa, Paulo Leminski, T. S. Eliot...Hilda Hilst.

Você transita com maestria pela versatilidade – permeando sua ação entre o teatro, jornalismo e literatura. Mas, como surgiu sua face de autor? Como ela dialoga com todas essas vertentes.

Me tornei autor por um contingencia conjuntural: não me considerava apto, preparado técnica e intelectualmente à época, para dirigir textos alheios, acredita? E como em âmbito paraibano não imaginava ser possível algum diretor em atuação se dispor a encenar algo de minha autoria, fui obrigado a dirigir meus próprios textos. Foi assim que me tornei autor de teatro, embora bem antes disso já tenha tido uma participação modesta em concursos de poesia e escrito para o rádio (não exatamente ficção, mas roteiros com falas para locutores, o que é uma atividade afim). Na escola eu me destacava pelo que escrevia. E segui assim, atendendo a esse chamado interno.

Acabou que descobri que o teatro tornava a palavra que eu redigia mais viva, uma potência falada e interpretada ao vivo, cara a cara com o público. Definitivamente, algo arrebatador, pelo seu caráter sofisticado e ao mesmo tempo primitivo, unindo

entretenimento e catarse, drama e comédia. Não parei mais. O que determinou, mesmo, minha permanência na área da escrita teatral, particularmente comédias, foi o feedback do público. Esse termômetro instantâneo, que pode ou não catapultar um espetáculo praquele patamar de fruição espetacular da obra, foi me cativando e moldando. Em teatro o apreço ou desprezo público é muito espontâneo e direto. Quando uma poesia ou um romance são escritos, esse contato com o público se dá à distancia física. Na dramaturgia, embora a obra exista primeiramente escrita, é a sua materialização cênica que a conclui, ouso afirmar. É pra isso que ela existe, para ser interpretada em cena, viva, pulsante.

Quanto a relação entre minhas áreas de atuação, como são atividades afins, ligadas pelo fio da comunicação, sempre foi fácil, fluido mesmo atuar em jornalismo e em teatro. Em ambos a escrita está presente e a performance também.

Quem são suas maiores referências artísticas?

No teatro nacional, Antunes Filho e Denise Stoklos. Mais próximos, Lourdes Ramalho, Moncho Rodriguez, Márcio Marciano. Ampliando o alcance, também adoro os autores gregos (Eurípedes, Sófocles, Ésquilo, Aristófanes). Em cinema, sou fã de Woody Allen, como já disse, gosto de Billy Wilder, Spielberg, Akira Kurosawa, Lars Von Trier, David Fincher...e muito outros. Na literatura, Marguerite Yourcenar, Patrick Suskind, Florbela Espanca, João Cabral de Melo Neto, etc. Nas artes visuais, aprecio o trabalho de conterrâneos contemporâneos como Val Margarida, Erik Kleiver, Helder Racine, Clovis Junior, Petrus Vinicius, Flaw Mendes. E tenho alguns prediletos como Lucian Freud, Tamara de Lempicka, Da Vinci, Dali, Botero (amo Botero), Tarsila, Volpi, Tomie Othake...e por aí vai.

Na FLiC 2019 você lançou *Convite para a morte.* Como surgiu a ideia do livro?

Na verdade, surgiu de uma peça teatral encenada originalmente em 2003 em Campina Grande, sob minha direção. A ideia que alicerça o texto é a da finitude, um tema que me fascina e que, embora seja um pouco pesado, dá margem para abordagens inusitadas e até cômicas, como é o caso. Ficamos em cartaz uns 2 anos com o espetáculo e em 2008 o texto recebeu o Prêmio Funarte de Teatro Myriam Muniz, o que viabilizou uma segunda montagem pela Cia. Oxente em João Pessoa, sob direção de Edilson Alves. Em 2016 também foi lançado um curta-metragem, sob direção de Silvio Toledo, baseado no texto.

A publicação do livro pela editora Mondrongo foi um momento de realização muito importante pra mim porque além de ter sido

na FLIC, o que me honrou bastante por estar ao lado de outros escritores que admiro num evento formidável, também significou a possibilidade de ter minha primeira publicação individual em livro, já que estreei no mesmo ano em algumas coletâneas de contos e poesia.

Até que ponto "Convite para a morte" dialoga com o Saulo teatrólogo?

Em todos os sentidos, primeiro por ser uma obra para teatro e depois por ter em seu cerne vários temas que me fascinam, me incomodam ou me desafiam.

Qual sua análise sobre a produção cultural do Brasil ante o cenário que tem se apresentado

Eu acredito que a força da cultura, da arte em especial, é gigantesca e que passam os ciclos políticos e ela segue, forte, pulsante, desafiadora e sem obrigação de prestar reverência a qualquer que seja o sistema ou o político. Nós que produzimos no setor cultural ainda estamos perplexos com a condução desse atual governo que é uma mistura do trágico e do grotesco. Há um despreparo palpável de quase todos os gestores escolhidos para o setor (e para outros também, diga-se de passagem), não existe política pública e o que é pior: o presidente é uma figura rasa demais para entender a profundidade dessas águas. Por isso segue nessa canoinha furada dele, esse barco sem rumo. Torço, sinceramente, para que tenhamos sorte e os danos não sejam tão grandes, principalmente para as gerações futuras. Hoje, ficou mais difícil atuar nesse setor pelo próprio caráter independente, reivindicador, questionador dos que nele atuam, via de regra. O atual governo já demonstrou que não convive bem com a diversidade e o contraditório, traços da cultura.

Que pontos você julga relevantes destacar nessa sua vivência na FLIC 2019?

Acredito que, de todas as coisas que percebi relativas ao evento, antes de tudo, a que mais me encanou foi seu caráter não eventual. A FLIC é algo de uma sadia e produtiva continuidade ao longo do ano. São ações formativas, reflexivas e de circulação da produção literária que o tornam maior que uma data no calendário. Claro que o acontecimento culminante foi a feira/festa nos dias em que aconteceu, com a circulação de criadores, público, críticos, editores, educadores, estudantes e famílias. Mas é o que vem antes e depois disso que a torna singular e tão importante pra Campina Grande.

Qual o principal conselho que você dá a um jovem escritor que inicia no mundo do Literatura?

> Ame as palavras, se deleite em usá-las, oralmente ou escrevendo-as. Não se intimide com as que não compreenderem por falta de uso: as conquiste. As torne amigas, instrumentos para expor seus pensamentos, suas paixões, seus medos...é pra isso e muito mais que elas servem. Palavra é ponte e entender isso ajuda demais a chegar ao outro lado que pode ser apenas comunicar ou, para os que optam pela escrita artística, capturar o leitor. Implícito nesse conselho estariam dois que derivam dele: ler bastante e escrever ainda mais.

Recebido em 25 de janeiro de 2020
Aceito em 22 de fevereiro de 2020